

MediamenteFalso

A "inteligência" artificial do Instagram discrimina as publicações em função dos símbolos nelas contidos; aconteceu recentemente a uma publicação que reproduzia um quadro meu.

O paradoxo está em que a publicação obscurecida (censurada) pretendia fazer reflectir sobre o papel dos media na história recente e sobre a sua capacidade de manipular a verdade em favor do poder.

A obra representa o Super Mario da Toei, com um boné nazi, pintado a óleo sobre uma página original do Corriere della Sera de 13 de Abril de 1945.

Naquele período histórico a Itália rendera-se aos aliados havia dois anos, mas o nosso principal diário titulava: "Férrea vontade de combater até à vitória", ao lado de uma foto de Hitler e Mussolini a planear os seus movimentos militares sobre um mapa.

Os artigos da página contam uma realidade de fantasia hiperbólica, na qual se dá por garantido que os fascistas conseguirão em breve ganhar a guerra na Itália e nas colónias, juntamente com o aliado alemão.

Na excelente série passada numa realidade paralela à nossa, "O homem do castelo alto", dirigida por David Semel (Amazon Prime Video), o eixo ganhou a guerra, a Alemanha e o Japão repartiram o mundo; os fascistas italianos não são citados em nenhum dos 40 episódios. O título do Corriere de 45 não encontra eco nem sequer numa obra de ficção distópica oitenta anos depois.

Na realidade, a 13 de Abril de 1945 os alemães estavam a perder Viena para as tropas de Estaline; doze dias depois a Itália seria libertada pelos americanos e quinze dias depois Mussolini seria executado pelos partisans.

O director do Corriere, Ermanno Amicucci, escolheu naqueles dias manipular a realidade porque o poder estava ainda nas mãos dos nazis (que tinham ocupado Milão) e dos fascistas da República Social Italiana.

Hoje mais do que em 45, o único poder que move todos os outros é o económico; por essa razão a internet já não é o lugar de liberdade de expressão e de livre circulação da informação que tínhamos contribuído para construir no início do milénio: o kraken económico apoderou-se do nosso brinquedo, mudando-o numa máquina de fazer dinheiro.

O Instagram e as outras redes não são excepção: não servem para nos conhecermos, partilharmos ou comunicarmos, mas para criar um mercado.

A censura, neste contexto, é operada por anónimas "inteligências" artificiais, com o fim de favorecer as trocas e a consequente criação de valor económico.

A tentativa é reduzir o mais possível o material controverso, as discriminações, as informações alternativas, a violência, etc., de modo a criar um espaço o mais inclusivo possível, no qual se possa vender e comprar em total confiança e segurança; a cultura e a arte

deveriam portanto dobrar-se a este imperativo.

Vende-se melhor entretendo, falando de banalidades, mantendo o nível da narrativa compreensível para todos; por essa razão a maior parte das publicações que vemos contam acidentes tragicômicos, mulheres sedutoras e, naturalmente, produtos compráveis com um só toque dos dedos.

Quem nasceu nos anos setenta em Itália, como quem escreve, recorda entre as várias porcarias de que fomos testemunhas o nascimento das televisões privadas, nas quais pela primeira vez a estupidez, as banalidades e os grandes seios representavam o tema dominante da maioria dos programas. A angariação publicitária funcionava tão bem com estes temas que a Rai teve de render-se à evidência, ao ponto de hoje não haver diferença alguma entre as duas emissoras, a não ser a taxa.

Pode dizer-se que Berlusconi foi o primeiro a percebê-lo, portanto o melhor do ponto de vista empresarial, consequentemente o mais rico, e depois também o mais votado.

Presidente do Conselho de Ministros da República Italiana, apontado para vir a ser Presidente da República — se ao menos se tivesse dado conta de que o eleitorado adora banalidades e grandes seios, tolera as prostitutas, mas não perdoa os putanheiros.

Nos jornais de ontem e de anteontem encontra-se o futuro visto e esperado no passado, e o passado não realizado no futuro; a mentira erguida a sistema de referência, o mentir para convencer e incitar, e sobretudo a guerra, única constante destes últimos oitenta anos de paz. A história foi sempre escrita pelos vencedores, pelo poder político e militar.

Hoje o passado, a história, o presente e a ideia do futuro são escritos através do poder tecnológico e mediático de mistificar a realidade, de gratificar o ego dos destinatários de uma mensagem, até os levar a crer que o sucedâneo de realidade que observam é a própria realidade.

O recurso ao sucedâneo está cada vez mais presente em todos os aspectos da vida humana, e é vivido pela maioria das pessoas como algo inovador, ecológico, emancipador, saudável, melhorador, seguro.

Os animais domésticos, os robôs, as bonecas de silicone são usados como sucedâneos de filhos, maridos, mulheres, amantes e netos; a cirurgia plástica é usada para produzir corpos e identidades sexuais sucedâneas; a pornografia e o sexo protegido permitem substituir o próprio acto sexual; os alimentos sintéticos, vegan, as barras nutricionais, os medicamentos que permitem obter desempenho em todos os âmbitos: os próprios seres humanos são sucedâneos de si mesmos.

Para os espaços mais íntimos e fundamentais da nossa existência são promovidos produtos, ideias e comportamentos que procuram afastar-nos da vida real, rumo a uma vida fictícia, virtual, sintética, na qual a experiência interior é substituída pela imagem mistificada que a sociedade tem de nós.

Uma mentira repetida ao infinito não se torna verdadeira, mas torna a mistificação uma

prática socialmente aceitável; o sentido do verdadeiro perde-se atrás da consciência de que qualquer verdade poderia conter, no todo ou em parte, uma mistificação.

A pessoa mais hábil e generosa pode parecer, neste contexto, boa demais para ser verdade; a pessoa mais desprezível pode parecer santificada por verdades inventadas.

Ao aceitarmos delegar o poder de definir a verdade ao sistema tecnológico e mediático, aceitamos viver num turbilhão de informação produzida para sustentar uma mistificação em vez de outra.

O pandemónio causado pelo coronavírus tornou ainda mais apreciável a ideia de uma experiência de vida sucedânea, mascarada, na qual procuramos o reconhecimento do grupo sem termos de encontrar os indivíduos.

A história dos nossos dias será ainda escrita pelos vencedores de uma guerra feita de mentiras, mas as capacidades tecnológicas a que chegámos permitir-nos-ão criar mistificações de proporções nunca vistas.

Mentimos a nós próprios, e cada dia é mais difícil apanharmo-nos a fazê-lo; a vida sucedânea fagocita a real.

Há, no meu cérebro, uma quantidade imensa de imagens armazenadas, mais ou menos útilmente, que saltam cá para fora nos momentos mais imprevistos: são apontamentos visuais arquivados na vã tentativa de saciar a minha necessidade de conhecer as coisas. Imagens deformadas, gastas pelo tempo, revistas e reconsideradas à luz de acontecimentos posteriores, dissociadas, isoladas do contexto, distorcidas pela inevitável amnésia que a vida traz, pelo perene assalto e saque dos míticos camelinhos da memória. Imagens da minha vida, dos filmes e dos programas de televisão, dos videoclipes musicais, das exposições e dos museus, dos anúncios publicitários, dos ícones do género humano, dos livros e das histórias, até às imagens dos meus sonhos.

Os elementos dissonantes reencontram o seu acorde visual e conceptual, cromático e formal, cómico, cósmico e surreal, no fruto pictórico.

Personagens e paisagens, interiores e espaços, de um grande episódio crossover, nascido da minha "volupté de voir", do meu passear pelos quartos secretos do meu cérebro, como um flâneur dentro da viagem alucinante de Asimov.

Através deste jogo de procura, a colagem das referências visuais torna-se uma contínua sublimação intelectual cheia de especulações sobre o valor icónico das imagens e dos símbolos que interagem entre si, criando uma narrativa que não pode prescindir da colocação natural das próprias imagens, mas que também não pode deixar de traçar novas narrações e novos percursos de sentido. O caleidoscópio das imagens imaginadas por nós próprios e pelos outros reflecte num espelho deformante a imagem daquilo que vimos, daquilo que julgámos ver, daquilo que vemos passado algum tempo, num contínuo olhar-experimentar-considerar-reinventar-voltar a olhar, ao infinito. Criamos a partir daquilo que vimos e experimentámos, recriando ao infinito o mundo no qual imaginamos querer viver.

Luca Motosese

motosese.com — Texto original em italiano